

Elói Martins Senhoras  
(Organizador)

# CIÊNCIA POLÍTICA:

Produção decisória, governança  
e ecologias organizacionais



Elói Martins Senhoras  
(Organizador)

# CIÊNCIA POLÍTICA:

Produção decisória, governança  
e ecologias organizacionais



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



# Ciência política: produção decisória, governança e ecologias organizacionais

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Elói Martins Senhoras

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciência política: produção decisória, governança e ecologias organizacionais / Organizador Elói Martins Senhoras. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0458-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.583222507>

1. Ciência política. I. Senhoras, Elói Martins (Organizador). II. Título.

CDD 320

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A compreensão da realidade fática tem tradicionalmente sido objeto de estudo a partir do rigor teórico-metodológico existente em distintos campos disciplinares do pensamento científico, bem como em inovativos esforços multidisciplinares que combinam desde sistêmicas macroanálises até pontuais microanálises, sendo estes últimos a pedra de toque para o desenvolvimento deste livro.

Estruturado em oito capítulos de natureza multidisciplinar, o presente livro tem o objetivo de discutir a intitulada “Ciência Política: Produção decisória, governança e ecologias organizacionais”, por meio de um paradigma eclético de discussões fundamentadas no pluralismo teórico-metodológico e em diferentes abordagens micro e macroanalíticas que valorizam diferentes espacializações e periodizações.

O livro oferece uma coletânea de capítulos que aborda destacadas realidades empíricas, por meio de estudos de caso que possibilitam, não apenas, um olhar multidisciplinar a partir da Ciência Política sobre temas relevantes com base na *expertise* profissional dos pesquisadores, mas também, pelos subsídios fornecidos pela formação de seus campos epistemológicos de formação acadêmica.

A participação de quase trinta pesquisadoras e pesquisadores, com distintas formações acadêmicas nas grandes áreas das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, revela que no projeto deste livro existe um esforço colaborativo de profissionais de instituições públicas e privadas que foi construído em uma rede epistêmica com presença em diferentes estados brasileiros e do Peru.

Com base nos marcos conceituais, discussões e resultados apresentados nesta obra, uma rica construção multidisciplinar é oferecida aos leitores por meio de estudos que corroboram para a expansão da fronteira científica através de micro e macroanálises para a produção de novas informações e conhecimentos sobre a realidade política e organizacional no Brasil e no Peru.

Recomendada para um conjunto diversificado de leitores, esta obra apresenta a realidade prática da política a partir de macro e microanálises por meio de capítulos redigidos por meio de uma didática e fluída linguagem que valoriza a troca de experiências e o rigor teórico-conceitual e dos modelos, tanto para um público leigo não afeito a tecnicismos, quanto para um público especializado de acadêmicos.

Excelente leitura!

Elói Martins Senhoras

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

CAPITALISMO GLOBALIZADO CONTEMPORÂNEO: CONFLITOS, CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS

Eduardo Girão Santiago

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5832225071>

### **CAPÍTULO 2..... 12**

CRISE ORGÂNICA E PANDEMIA MUNDIAL: OS LIMITES DA GESTÃO DO SUS FRENTE A COVID-19

Rebel Zambrano Machado

Carlos Nelson dos Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5832225072>

### **CAPÍTULO 3..... 24**

ENVELHECIMENTO E O DIREITO A CONVIVÊNCIA NA PANDEMIA

Lúcia Helena Barbalho Mendes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5832225073>

### **CAPÍTULO 4..... 36**

POLÍTICA ECONÔMICA DO GOVERNO SARNEY: O PLANO CRUZADO E AS ELEIÇÕES DE 1986

João Marcos Poyer Melo

Lucas de Moraes Ramos

Paulo Victor de Souza Guimarães

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5832225074>

### **CAPÍTULO 5..... 51**

POLÍTICA DE SAÚDE E INFLEXÕES DA RACIONALIDADE NEOLIBERAL: IMPASSES E DESAFIOS

Mayra Hellen Vieira de Andrade

Leid Jane Modesto da Silva

Patrícia Barreto Cavalcanti

Ana Paula Rocha de Sales Miranda

Lívia Maria Sales de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5832225075>

### **CAPÍTULO 6..... 61**

O TRABALHO INTERMITENTE E A PERCEPÇÃO DO EMPRESARIADO

Flávio Heleno Solano Reis

Danillo Soares Rios

Lucimara Sousa da Silva

Mayrla Pantoja Alves

Amarildo Rodrigues de Matos

Mário Jorge Santos Pinheiro

Ellen Claudine Castro Paes Barreto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5832225076>

**CAPÍTULO 7..... 81**

PARTICIPAÇÃO JUVENIL E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: PRÁTICAS E APRENDIZAGENS NO FÓRUM DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE DA BAIXADA MARANHENSE

Ricardo Costa Gonçalves

Itaan Pastor Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5832225077>

**CAPÍTULO 8..... 93**

LIQUIDACIÓN TECNICA FINANCIERA DE OBRAS EJECUTADAS POR LA MODALIDAD DE ADMINISTRACIÓN DIRECTA EN LA MUNICIPALIDAD DISTRITAL DE ASILLO, PUNO - PERU

Enrique Gualberto Parillo Sosa

José Oscar Huanca Frias

Virginia Guadalupe Pacompia Flores

Carmen Eliza Zela Pacori

Illich Xavier Talavera Salas

Juan Manuel Tito Humpiri

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5832225078>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 104**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 105**

# CAPÍTULO 1

## CAPITALISMO GLOBALIZADO CONTEMPORÂNEO: CONFLITOS, CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS

Data de aceite: 04/07/2022

**Eduardo Girão Santiago**

Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará; Doutor em Sociologia pela UFC

**RESUMO:** O artigo pretende discutir as imprecisões conceituais, os conflitos, controvérsias e perspectivas do mundo globalizado contemporâneo. Apresenta como eixo temático principal as questões da acumulação flexível de capital de Harvey, do empreendedorismo e da destruição criativa de Schumpeter, bem como de suas repercussões na vida das pessoas, segundo Sennett. Trata-se de um diálogo teórico que culmina com algumas possibilidades e questionamentos sobre uma contra-globalização globalizada proposta por Boaventura Santos ou com o fracasso da Nova Economia mundializada que, na visão de Schumpeter caminha para o socialismo democrático.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acumulação flexível, mundo do trabalho, globalização.

**ABSTRACT:** The article intends to discuss the conceptual inaccuracies, conflicts, controversies and perspectives of the contemporary globalized world. It presents as its main theme the issues of Harvey's flexible capital accumulation, Schumpeter's entrepreneurship and creative destruction, as well as their repercussions on people's lives, according to Sennett. It is a

theoretical dialogue that culminates with some possibilities and questions about a globalized counter-globalization proposed by Boaventura Santos or with the failure of the new globalized economy, which, in Schumpeter's view, moves towards democratic socialism.

**KEYWORDS:** Flexible capital, world of work, globalization.

### 1 | INTRODUÇÃO

A exemplo dos preceitos e da influência da teoria da modernização, nos anos 60 do século passado, o tema do capitalismo globalizado é o *leitmotiv* de nossa época, abrangendo os aspectos econômicos, culturais, sociais e relacionado principalmente com as profundas mudanças no âmbito da geopolítica do planeta. Este assunto surgiu nas últimas três décadas do século XX, portando grande dissenção e imprecisões conceituais, inclusive no mundo acadêmico.

Trata-se de fenômeno traduzido por variadas faces: quando acessamos aos modernos e tecnológicos aparelhos de televisão para vermos o mundo; quando compramos o último modelo de veículo de nossos sonhos; quando pagamos a conta das crises especulativas do capital financeiro internacional; quando somos atingidos por reestruturações produtivas e planos de demissão "voluntária;" quando nos orgulhamos da Petrobrás de outrora conquistando mercados alhures;

quando participamos de movimentos internacionais pacifistas, ou quando, num restaurante francês em Montparnasse somos atendidos gentilmente por um garçom bengali que nos confidenciou ter uma namorada no Rio de Janeiro...

Globalização, mundialização, Nova Economia, financeirização do capital, acumulação flexível de capital são termos ainda imprecisos mas que têm o mesmo sentido. Representam uma mudança significativa no alcance espacial da ação e da organização sociais. Denotam a escala crescente do aprofundamento do impacto dos fluxos e padrões inter-regionais de interação social. Referem-se a uma mudança ou transformação na escala da organização social que liga comunidades distantes e ampliam as relações de poder nas grandes regiões e continentes do mundo. (HELD e MCGREW, 2001:12-13).

O capitalismo globalizado acarretou mudanças profundas nos últimos 30 ou 40 anos. Viabilizou a intensificação das relações mundiais que uniram localidades distantes de forma tal que, os acontecimentos locais são determinados por eventos que ocorrem em outras terras, infinitamente distantes. Segundo Giddens (2005:60-61), tais conexões entre o local e o global resultaram “dos avanços dramáticos na comunicação, na tecnologia da informação e no transporte”, além de sofisticado sistema global de comunicação via satélite que permitiu o contato instantâneo de pessoas ao redor do mundo.

O processo de globalização não pode se circunscrever somente ao aspecto econômico. A despeito de as forças produtivas serem um vetor importante, convém atentarmos para o fato de que ele decorre da convergência de fatores políticos, sociais, culturais e econômicos. Tal processo foi influenciado pelo desenvolvimento de tecnologias da informação e da comunicação que intensificaram a velocidade e o alcance da interação entre os cidadãos globais. A título de exemplo, por conta das conexões globais de televisão, alguns jogos da Copa do Mundo na França foram vistos por mais de 2 bilhões de pessoas (GIDDENS, 2005:61).

Para acentuarmos a imprecisão e a dissensão em torno do tema em estudo, convém apresentarmos a seguinte declaração do economista institucionalista John Kenneth Galbraith

[...] A globalização não é um conceito sério e que nós, os americanos, a inventamos para dissimular nossa política de entrada econômica nos outros países, e para tornar respeitáveis os movimentos especulativos de capital, que sempre são causa de graves problemas. (Apud FIORI, 2001:28)

No mesmo diapasão da crítica acima, Robert Reich, ex- Ministro do Trabalho dos Estados Unidos, apud Santiago (2001: 23), declarou que “a globalização está criando uma espécie de subclasse de pessoas desmoralizadas e empobrecidas em nossas democracias industriais”. Tudo leva a crer que há um apelo mundial às nações do Terceiro Mundo para a adesão compulsória ao processo de globalização. Não foi em vão que o ex-ministro da Economia da Argentina, Domingos Cavallo afirmou, em entrevista no jornal EL Clarín, que “a globalização é como um clube. Cheio de regras e exigências. Os sócios rebeldes são

expulsos com frieza.”

Em vista do que foi exposto nesta introdução, o presente artigo pretende aprofundar uma análise acerca dos conflitos e controvérsias do modelo de globalização contemporânea. Referida prospecção sobre o tema será lastreada nas abordagens teóricas sobre o processo de acumulação flexível decorrente da crise do fordismo e do keynesianismo, proposto por David Harvey. De suma importância para viabilizar uma perspectiva dialógica será o tema do empreendedorismo schumpeteriano como vetor que move o processo de globalização contemporânea.

Para fundamentar as nuances do processo de globalização, lançaremos mão de recentes informes técnicos produzidos pela Organização Internacional do Trabalho – OIT, sobre a precarização dos empregos. Na perspectiva de discutir as resistências e as identidades do capitalismo globalizado, buscaremos diálogos com Nestor Canclini e Joseph Stiglitz. Buscaremos nos textos sobre as repercussões do modelo de acumulação flexível no mundo do trabalho, de autoria de Richard Sennett, notadamente no que diz respeito ao ser humano “à deriva”, quando fustigado pelas transformações capitalistas no mundo do trabalho hodierno.

Por fim, abordaremos a contra- globalização globalizada, sob a lente criativa de Boaventura Santos, uma resposta dos periféricos ao robusto rolo compressor da globalização contemporânea. O presente artigo respalda-se numa abordagem teórica, apartada com opiniões e vivências nossas, com o fito de relatar e discutir as suas contradições, os seus dilemas e a sua incerteza de que será um sistema econômico duradouro.

## **2 | ABORDAGEM TEÓRICO-EXPLICATIVA DA GLOBALIZAÇÃO**

O ponto de partida da incursão teórica deste ensaio refere-se ao epicentro de uma crise acumulativa ocorrida nas décadas de 60 e 70 do século passado, decretando o enfraquecimento da era fordista/ keynesiana, incapaz de superar as contradições capitalistas, dada a incapacidade de os estados atenderem às crescentes demandas pela permanência do *Welfare State*, traduzidas pela seguridade social, direitos de pensão, valorização do trabalho, etc. (HARVEY, 2002).

A configuração indomável e aparentemente fixa de poder político e relações recíprocas que unia trabalho, capital e governo, expressa numa defesa disfuncional de interesses difusos no Estado do Bem-Estar passou a solapar, em vez de garantir a acumulação capitalista. Para agravar o quadro, a crise do petróleo de 1973 contribuiu para o aumento dos custos dos insumos de energia de maneira gritante, obrigando todos os segmentos do mundo produtivo a buscarem mudanças organizacionais e tecnológicas. (HARVEY, 2002:136).

Os acontecimentos acima mencionados culminaram com uma firme reação do mundo capitalista à crise fordista/keynesiana, objetivando implementar medidas para

preservar ou mesmo aumentar o nível de acumulação ameaçado. A par dessas evidências, a resposta veio rápida, concretizada no conceito de acumulação flexível, como processo que se caracterizou

[...] Pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado setor de serviços, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (tais como a Terceira Itália, Flandres, vales e gargantas do Silício, para não falar da vasta profusão de atividades dos países recém-industrializados. (HARVEY, 2002: 140).

O desenvolvimento do novo capitalismo, lastreado na acumulação flexível compreende, também, a noção de compressão do espaço-tempo do mundo das relações de produção, vale dizer, os horizontes temporais da tomada de decisões das gestões pública e privada. A comunicação via satélite e a queda dos custos de transportes possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço mais amplo e variado. Tal evidência está na base de tantas reestruturações produtivas, eliminação de filiais de conglomerados multinacionais em diversos países. Diz respeito, também, às nuances da sociedade informacional, responsável pela eliminação do emprego tradicional rural, ao declínio da ocupação industrial e diversificação do emprego nas atividades do setor serviços e da predominância de novas profissões altamente especializadas que conformam a crescente “força de trabalho global”. (HARVEY,2002; CASTELLS, 1999).

### **3 I AS ENTRANHAS DO PROCESSO DE ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL DE CAPITAL**

Um dos pilares de sustentação e prevalência do processo de globalização contemporânea refere-se à ideia da “destruição criativa” de Schumpeter, que consiste na constante relação das tecnologias inovadoras destruindo produtos tradicionais e criando outros, mais atraentes para os consumidores. O novo produto ocupa o espaço do velho produto e novas estruturas de produção que destroem antigas. Na concepção schumpeteriana, é perceptível a ideia de que o progresso decorre deste ato destruidor/criativo. Os empresários empreendedores são responsáveis pelo rompimento do fluxo circular da economia para uma economia dinâmica, competitiva e geradora de oportunidades. (SCHUMPETER, 1982:64).

As práticas decorrentes da destruição criativa, anunciadas por Schumpeter são traduzidas por intensas mudanças tecnológicas, automações, desenho e diversificação de novos produtos, busca permanente de novos nichos de mercado. São praticadas, também, novas formas de gestão e organização do trabalho e da produção, como a terceirização, trabalhadores com contratos flexíveis, estoques *just-in-time*, organizações sociais e

contratos de gestão, principalmente no setor público.

Não é em vão que, referindo-se à “destruição criativa” Sennett (2005) afirmou que empresas se dividem, se diversificam ou se fundem, gerando demissões voluntárias sem nenhum compromisso com os trabalhadores. A “destruição criativa”, segundo Schumpeter, favorece a empresários, pois eles exigem funcionários à vontade em relação a não calcular as consequências das mudanças, ou ao não saber o que vem depois neste mundo frenético, indiferente e negligente.

O novo padrão de acumulação flexível acarretou profundas transformações no mundo do trabalho. É que a constante metamorfose do mercado, a acirrada competitividade e a redução das margens de lucro induziram os capitalistas a tirarem proveito do crescente excedente de mão-de-obra e da debilidade sindical, imprimindo regimes e contratos de trabalho mais flexíveis, traduzidos por aumento efetivo da jornada de trabalho anual para empregados regulares, pelo incremento do trabalho em tempo parcial ou temporário, pela subcontratação e por outras engenhosidades que buscaram retirar direitos e conquistas dos trabalhadores, sob a alegação de o setor produtivo se tornar mais competitivo.

Quando se inter cruzam as ideias da acumulação flexível de capital com o sentido do empreendedorismo, ou do “empreendimentismo”, conforme Harvey, constatamos a pertinência do diálogo entre este autor e Schumpeter. Assim, os valores coletivos do período keynesiano, predominantes nos anos 60 do século XX converteram-se em individualismo competitivo, motivado pelos apelos empreendedimentistas. A partir daí, o acirramento da competição internacional “forçou todos os Estados a se tornarem mais empreendedores e preocupados em manter um clima favorável aos negócios” (HARVEY, 2002:158).

A atitude de ser empreendedor não se restringiu apenas ao Estado. Como bem salienta Harvey, atingiu outras dimensões da vida. O arranjo “empreendimentismo” e competição, tanto no mercado de trabalho como nas empresas, foi “destrutivo e ruinoso para alguns, mas sem dúvidas gerou novas perspectivas em muitos, quando comparado a padrões rígidos do poder estatal monopolista” (HARVEY, 2002:161).

Ainda de acordo com o autor em análise, o “empreendimentismo” abrangeu não apenas o atrativo campo dos negócios, mas também a organização do mercado de trabalho, a produção do setor informal, as áreas de pesquisa e desenvolvimento, da gestão municipal e até nichos da vida acadêmica, literária e artística. Embora Harvey atenuar os efeitos da acumulação flexível capitalista sobre o mundo do trabalho, por outro lado revela os efeitos deletérios para os trabalhadores do período fordista/keynesiano, em termos de direitos de pensão, cobertura de seguros, níveis salariais e segurança no emprego, dentre outros benefícios.

O que fica evidente nas considerações de Harvey, acerca das relações entre a acumulação capitalista globalizada e a prática generalizada do empreendedorismo de Schumpeter, é que há uma forte tendência de a produção capitalista em reduzir os empregos estáveis e empregar ,cada vez mais, uma força de trabalho que entra facilmente

e é demitida sem custos nos períodos de recessão, situação comprovada nos “planos de demissão voluntária” e nas reformas administrativas, procedimentos contumazes na economia brasileira.

O fato é que, o tema do empreendedorismo foi revalorizado nos anos 1980. Uma conjunção de fatores, com destaque para a automação e a aplicação intensiva no campo da sociedade do conhecimento e nas formas de produção, favoreceram o aumento da acumulação flexível de capital, instalando-se, com efeito, um novo paradigma técnico-econômico que delineou um novo modelo de produção. É, portanto, no final do século XX que começa a ganhar força o conceito de economia empreendedora ou “empreendedorista”, que, associada às demais determinações da Era do Conhecimento, criou uma valorização do profissional criativo, inovador e capaz de trabalhar para si mesmo, em pequenas unidades produtivas.

O documento “Perspectivas Sociais do Emprego no Mundo: Tendências 2020, publicado pela organização Internacional do Trabalho – OIT,<sup>1</sup> trouxe-nos um panorama preocupante sobre o atual mundo do trabalho, decorrente do processo de acumulação flexível globalizada. Aspectos como a debilidade do crescimento econômico mundial, agravada pela pandemia do Covid 19; a permanente exclusão de trabalhadores do mercado laboral em quase todos os países do planeta; as taxas de subutilização das pessoas economicamente ativas, maiores do que as taxas de desemprego e a dificuldade crescente da redução da pobreza, são marcantes no referido informe.

Além dessas evidências, o relatório da OIT afirma que, mesmo os trabalhadores ocupados não têm trabalho decente, tais como: bons salários, seguridade social, liberdade sindical, estabilidade no emprego e nem são amparados por legislações trabalhistas, cada vez mais débeis. Chama atenção o fato de a OIT ter confirmado ser a desigualdade de renda no mundo, proveniente do trabalho, bem maior do que ela supunha.

Se considerarmos os 190 milhões de desempregados em escala mundial e acrescentarmos mais 25 milhões de empregos subtraídos pela pandemia, segundo a OIT, chegaremos a cifra de 215 milhões de desempregados (aproximadamente a população atual do Brasil!). É um quadro trágico socialmente, se ainda considerarmos a existência de 470 milhões de trabalhadores subutilizados, o que retrata acentuada ineficiência econômica e graves problemas de coesão social. Até quando o sistema capitalista globalizado vai conviver com um mundo do trabalho onde 61% dos trabalhadores são considerados informais?

As repercussões da precarização crescente das relações sociais de trabalho contemporâneas impactam diretamente sobre a pobreza extrema, estampada no rosto da acumulação capitalista mundial. Cerca de 20% dos trabalhadores ocupados no mundo ganham apenas US\$ 3,20 por dia. Tais cifras indicam que a erradicação da pobreza extrema,

---

<sup>1</sup> Perspectivas Sociais do Emprego no Mundo: Tendências 2020 – OIT. Disponível em: [https://ilo.org/brasilia/noticias/WCMS\\_615927/lang--pt/index.htm](https://ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_615927/lang--pt/index.htm)

prevista pela ONU/Objetivos do Milênio, para o ano de 2030, dificilmente será alcançada. O que esperar de 267 milhões de jovens na faixa etária de 15 a 24 anos, sem emprego, sem educação formal e sem formação profissional? Ante esta situação, é a própria OIT que nos indaga: o que esperar do futuro do mundo do trabalho em face do quadro de incertezas geopolíticas e das tensões comerciais? (OIT, 2000).

Pelo exposto neste texto, até o momento, já percebemos as várias cores do processo de acumulação flexível globalizada, ainda longe de uma precisão conceitual e de consenso semântico. O capitalismo globalizado tem viabilizado resistências, tem promovido a emergência de identidades híbridas, de particularismos étnicos com símbolos religiosos, porque é esse mesmo processo de globalização que tem gerado exclusões e insuficientes benefícios para o mundo. (CANCLINI, 2000).

Por seu turno, o economista Joseph Stiglitz atribuiu a autoria do processo de globalização ao Fundo Monetário Internacional – FMI, ao Banco Mundial, à Organização Mundial do Comércio – OMC, instrumentos regulatórios do Consenso de Washington. Desta última instituição partiram medidas e recomendações principalmente para os países em desenvolvimento e periféricos para a liberação dos mercados de capitais, o estímulo às exportações, a redução dos investimentos públicos e a proeminência do setor privado, dentre outras que se revelaram fracassadas nestes países subalternos. (STIGLITZ, 2002).

Na sequência das críticas ao processo de novo capitalismo globalizado, convém observar que

[...] A expressão capitalismo flexível descreve hoje um sistema que é mais que uma variação sobre um velho tema. Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas de burocracia, e também os males da rotina cega. Pedese aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos à mudança a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais. (SENNETT, 2005: 9).

Segundo o autor acima, a fase flexível do capitalismo interrompeu carreiras, desviando rapidamente empregados de um tipo de trabalho para outro. Essa nova ordem impôs novos controles sobre os trabalhadores, em vez de simplesmente abolir as regras do passado. Entretanto, esses controles são difíceis de entender, pois o novo capitalismo flexível é um sistema de poder muitas vezes ilegível. Para ele, o que importa mesmo no capitalismo contemporâneo é o “ser empreendedor”, enquanto comportamento padrão no sistema econômico. Quanto ao “ser humano”, resta-lhe flutuar na vida, à deriva. (SENNETT, 2005).

O que chama a atenção no processo de acumulação flexível do capital globalizado é que

[...] O inusitado, agora, é que o singular na incerteza de hoje é que ela existe sem qualquer desastre iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo. A instabilidade pretende ser o normal porque o empresário de Schumpeter aparece como homem comum ideal.

Talvez a corrosão de caracteres seja uma consequência inevitável. "Não há mais longo prazo" desorienta a ação de longo prazo, afrouxa os laços de confiança e compromisso e divorcia a vontade do comportamento. (SENNET, 2005:33)

## 4 | A CONTRA- GLOBALIZAÇÃO GLOBALIZADA DE BOAVENTURA SANTOS

É vasta a obra de Boaventura de Sousa Santos acerca dos temas da globalização, da contra- globalização, das relações sobre o local e o global. Neste artigo, nos ocupamos de trazer alguns fragmentos do pensamento deste autor que resumem algumas das reações societárias ao processo de desenvolvimento do capitalismo flexível globalizado.

Neste diapasão, observamos que Boaventura Santos propugna que uma das formas de resistência contra a globalização reside na promoção e visibilidade de economias locais e comunitárias, economias de pequena escala diversificadas, autossustentáveis e interativas com forças exteriores, embora não dependentes delas.

Na visão do economista e pensador português, o combate aos malefícios de uma economia e cultura cada vez mais desterritorializadas passa pela redescoberta do sentido do lugar, da comunidade, processo que viabiliza a invenção e desenvolvimento de atividades produtivas de proximidade, calcado na reterritorialização.

Diz o autor em foco que não se pode priorizar nem as visões locais e nem as estratégias globais, Segundo ele, "a armadilha da globalização consiste em acentuar simbolicamente a distinção entre o local e o global e ao mesmo tempo destruí-la ao nível dos mecanismos da economia". (Santos, 2005: 74). Ao nível dos processos transnacionais, adverte, ainda, que "da economia à cultura, o local e o global são cada vez mais os dois lados da mesma moeda. A globalização contra- hegemônica é tão importante quanto a localização contra- hegemônica". (Santos, 2005: 75).

As organizações e os movimentos representantes do cosmopolitismo e do patrimônio comum da humanidade, ressalta o pensador português, têm uma vocação transnacional, entretanto não deixam de estar ancorados em locais concretos e em lutas locais concretas. Proclama, então, que

[...] O global acontece localmente. É preciso fazer com que o local contra-hegemônico também aconteça globalmente. É preciso desenvolver uma teoria da tradução que permita criar inteligibilidade recíproca entre as diferentes lutas locais, aprofundar o interesse em alianças transnacionais. (SANTOS, 2005: 75).

Ao que tudo indica, as predições de Boaventura Santos devem ter sido inspiradas pelos Fóruns Mundiais Sociais realizados Davos, Seattle Nova Iorque Gênova, Índia, Caracas e Belém. A partir desses eventos que insinuaram a possibilidade de uma contra-globalização globalizada surgiu a utopia de que "Um novo mundo é possível" ou que "Uma nova economia é possível".

## 5 I CONCLUSÃO: EM BUSCA DE UM DEVER DA GLOBALIZAÇÃO

O que aconteceria se todos os mecanismos disponíveis com o objetivo de intensificar o desenvolvimento frenético do modelo de acumulação capitalista flexível fossem efetivamente concretizados? Quem nos respondeu claramente foi o economista Celso Furtado, em sua obra *O mito do desenvolvimento econômico*, ao propugnar que

[...] Se tal acontecesse, a pressão sobre os recursos não renováveis e a poluição do meio ambiente seriam de tal ordem (ou, alternativamente, o custo do controle da poluição seria tão elevado) que o sistema econômico mundial entraria necessariamente em colapso. (FURTADO, 1974:19).

Por seu turno, um dos principais magos da acumulação flexível capitalista, Joseph Schumpeter, a despeito de sua “destruição criativa” e do seu empreenditismo como vetores do novo capitalismo, em seu clássico *Capitalismo, Socialismo e Democracia* surpreendeu ao prognosticar pela derrocada do capitalismo e pelo inevitável triunfo do socialismo, o sistema econômico capaz de viabilizar crescimento e democracia. (SCHUMPETER, 2017: 319).

Se observarmos os sinais dos tempos em termos do capitalismo flexível globalizado, veremos que as previsões de Furtado e de Schumpeter, enriquecidas pela ideia da contra-globalização globalizada de Boaventura Santos apontam para um futuro incerto da chamada Nova Economia.

Ademais, pelos sintomas da barbárie que vêm se instaurando no planeta, o movimento dos Fóruns Sociais Mundiais agora se renova com as reflexões contestatórias de intelectuais holandeses, liderados por Josu Perales, na ideia do “decrecimento”<sup>2</sup>. Trata-se de um conjunto de preceitos e reflexões que busca reorientar a concepção do crescimento capitalista ilimitado.

O movimento do decrecimento advoga por uma radical reestruturação da economia globalizada, da recomposição do Produto Interno Bruto, baseada em investimentos em energias limpas, educação e saúde universais e decrecimento dos setores de petróleo, gás, mineração e publicidade. Além desses princípios, o “decrecimento” pleiteia a adoção de uma renda básica universal, a taxação sobre rendas e riquezas, o estímulo e prática da agricultura sustentável, a redução do consumo perdulário e o cancelamento da dívida dos países do Sul global.

Com forte pertinência contemporânea, A Encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco, inscreve-se como mais um alerta aos governantes por um mundo mais justo e solidário. Refere-se ao cuidado com a casa comum (o planeta Terra), conclama os governantes e grupos econômicos para refletirem sobre questões ambientais, a redução da desigualdade social, o perigo das guerras e exorta os homens quanto às crises éticas, culturais, e espirituais que atingem o mundo globalizado. (SANTIAGO, 2020).

<sup>2</sup> [Diplomatique.org.br/](http://Diplomatique.org.br/) as vantagens do decrecimento. Acesso em 26/08/2021

Ainda por inspiração do Papa Francisco, está em curso um evento mundial para jovens economistas, a ser realizado em Assis, na Itália, denominado “A Economia de Francisco e Clara”, no qual serão discutidas questões relacionadas ao fracasso da globalização planetária e às sugestões para um mundo melhor.

Por fim, vale concluir esse texto evocando, mais uma vez David Harvey (2002: 161), ao proferir que “o movimento mais flexível do capital acentua o novo, o fugidio, o fugaz e o contingente da vida moderna, em vez dos valores mais sólidos implantados na vigência do período fordista”. Reflete, por excelência, um aspecto ilegível, embora com indícios de que a sua natureza não permanecerá por muito tempo.

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Editora Edusp, 2000.

FURTADO, Celso. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1974.

FIORI, José Luís. **60 lições dos 90: Uma década de neoliberalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTIAGO, E.G.. **Políticas de Trabalho em Escala Humana: Uma Crítica à Visão Mercadocêntrica**. Fortaleza: Editora LCR, 2001.

\_\_\_\_\_. **Caminho Solidário: Experiências Latino-americanas**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2020.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HELD, David; MCGREW, Anthony. **Prós e Contras da globalização**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2001.

LATOUCHE, Serge. **As vantagens do decrescimento**. Disponível em Diplomatique. Org.br, acesso em 26/08/2021.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO- OIT. **Perspectivas Sociais do Emprego no Mundo: Tendências 2020**. Disponível em: [ilo.org/Brasilia/noticias/WCMS\\_615927/Lang- -pt/index.htm](http://ilo.org/Brasilia/noticias/WCMS_615927/Lang-pt/index.htm). Acesso em 26/08/2021.

SANTOS, Boaventura S. In: SANTOS, B.S (Org.) **A Globalização e as Ciências Sociais**. 3ª Edição. São Paulo: Cortez, 2005.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico.** São Paulo: Coleção Os Economistas. Abril Cultural, 1982.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo, Socialismo e Democracia.** São Paulo: Editora Unesp, 2017.

STIGLITZ, Joseph. **Globalização: como dar certo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acumulação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 29, 34, 57

Administração 13, 15, 20, 22, 92, 104

### B

Brasil 2, 6, 12, 13, 16, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 35, 39, 42, 50, 52, 53, 55, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 84, 85, 86, 92

### C

Campos e lagos 81, 82, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Capital 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 35, 56, 57, 58, 59, 89

Capitalismo 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 58, 87

Choque heterodoxo 40, 43

Choque ortodoxo 40, 41

CLT 62, 63, 64, 65, 68, 69

Conflitos 1, 3, 32, 53

Constituição Federal 17, 26, 27, 28, 51, 52, 53, 60

Contratação 61, 64, 67, 69

Controvérsias 1, 3

Convivência 13, 24, 25, 26, 31, 32, 33

Coronavírus 12, 13, 18, 24, 25, 30, 31, 32

Covid-19 12, 13, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 28, 30, 31, 32, 33

Crise 3, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 30, 49, 56, 57, 58, 59, 83

### D

Desemprego 6, 13, 31, 44, 57, 66, 79

Desenvolvimento rural 82, 84, 87, 88, 90, 92

Desenvolvimento territorial 81, 82, 83, 87, 89, 90, 92

Destruição criativa 1, 4, 5, 9

Direitos trabalhistas 61, 62, 64, 65, 66

### E

Economia 1, 2, 4, 6, 8, 9, 10, 12, 19, 39, 41, 42, 43, 45, 49, 50, 58, 79, 92, 104

Eleições 36, 37, 47, 48, 50

Empreendedorismo 1, 3, 5, 6, 82  
Emprego 4, 5, 6, 7, 10, 34, 44, 63, 65  
Empresariado 61, 70  
Empresários 4, 5, 57, 71, 78  
Envelhecimento 24, 25, 26, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 56  
Estado 3, 5, 14, 15, 17, 21, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 38, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 65, 80, 85, 87, 88, 90, 92, 99, 102, 103

## **G**

Globalização 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11  
Governo 3, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 46, 50, 59, 60, 64, 82, 87, 90, 92

## **I**

Inflação 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 56  
Isolamento 13, 24, 25, 30, 32, 33

## **J**

Juventude 81, 82, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92

## **L**

Lei 13.467/2017 61, 62

## **M**

MDB 36, 37, 38, 45, 47, 48, 49

## **N**

Neoliberal 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59  
Neoliberalismo 10, 26, 51

## **O**

Obras 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103  
OMS 15, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34

## **P**

Pandemia 6, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 28, 30, 31, 32, 33  
Participação social 58, 81, 82, 86  
Pessoas idosas 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33  
Plano cruzado 36, 37, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49  
Política de saúde 12, 14, 17, 18, 20, 21, 30, 34, 51, 52, 55, 56, 58, 59

Política econômica 27, 36, 45, 50, 58

Políticas públicas 22, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 35, 51, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 104

Políticas sociais 14, 27, 29, 35, 53, 55, 56, 58, 85

## **R**

Reforma monetária 40, 43

Reforma sanitária 51, 54, 55, 59

Reforma trabalhista 57, 61, 63, 64, 65, 67, 70, 78, 79, 80

## **S**

Sarney 36, 37, 38, 39, 42, 44, 45, 46, 49, 50

SARS-CoV-2 12, 13, 24, 31

Seguridade social 3, 6, 12, 14, 17, 25, 27, 29, 34, 52, 54

Sociedade 4, 6, 13, 14, 15, 16, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 41, 49, 52, 53, 56, 59, 65, 70, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 104

SUS 12, 13, 15, 17, 18, 20, 21, 25, 30, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 97, 99, 101

## **T**

Território 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Trabalhador 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 76, 77, 78

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 21, 26, 27, 28, 31, 33, 35, 45, 52, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 89, 90

# CIÊNCIA POLÍTICA:

Produção decisória, governança  
e ecologias organizacionais

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# CIÊNCIA POLÍTICA:

Produção decisória, governança  
e ecologias organizacionais

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 